
O MUSEU XUCURUS DE HISTÓRIA, ARTES E COSTUMES COMO RECURSO DIDÁTICO PARA O ENSINO DA HISTÓRIA DE PALMEIRA DOS ÍNDIOS/AL

THE XUCURUS MUSEUM OF HISTORY, ARTS AND CUSTOMS AS A DIDACTIC RESOURCE FOR TEACHING THE HISTORY OF PALMEIRA DOS ÍNDIOS/AL

Brunemberg da Silva Soares¹

Resumo

Com esse artigo, pretendemos refletir sobre os desafios e possibilidades de uso do Museu Xucurus de História, Artes e Costumes, instituição localizada em Palmeira dos Índios/AL, enquanto um recurso didático de auxílio no estudo da história local. Desse modo, buscamos analisar a instituição museológica como um lugar de memória, percebendo os múltiplos discursos e intencionalidades que o moldam, apontando possibilidades de teorizações e metodologias aplicáveis ao uso do museu como lugar de memória e de estudo/ensino da história. Nosso estudo foi realizado a partir de pesquisa bibliográfica, ancorada em leituras sobre museus, ensino de história, estudos/ensino de história local e discussões sobre a história e memória de Palmeira dos Índios. Para tanto, nos fundamentamos nos pressupostos teóricos de autores como; Chagas (2009), Meneses (1994), Nora (1997), Oliveira (2016), Torres (1973), Barbosa (2006), Peixoto (2019), dentre outros.

Palavras-Chave: Ensino de História. História Local. Povo Xukuru-Kariri.

Abstract

With this article we intend to reflect on the challenges and possibilities of use of the Xucurus Museum of History, Arts and Customs, an institution located in Palmeira dos Índios/AL, as a didactic resource to help in the study of local history. Thus, we seek to analyze the museum institution as a place of memory, perceiving the multiple discourses and intentions that shape it, pointing out possibilities of theorizations and methodologies applicable to museums as a place of memory. Our study was based on bibliographic research, anchored in readings about museums, history teaching, studies/teaching of local history and discussions about the history and memory of Palmeira dos Índios. To this so, we are based on the theoretical assumptions of authors as; Chagas (2009), Meneses (1994), Nora (1997), Oliveira (2016), Torres (1973), Barbosa (2006), Peixoto (2019), among others.

Keywords: History Teaching. Local History. Xukuru-Kariri people.

Considerações Iniciais

As discussões sobre as finalidades, posicionamentos e o lugar que os museus ocupam na tecitura das narrativas históricas sobre diversas sociedades compõem, certamente, um dos principais pontos de reflexão sobre a temática da conservação e exposição de “vestígios” do passado humano. Como exemplo dessa necessária análise, podemos citar a relação dos

¹ Mestre em História pela Universidade Federal de Campina Grande (UFCG). Professor da rede municipal de Educação de Palmeira dos Índios. Membro do Grupo de Pesquisas em História Indígena de Alagoas - GPHIAL. E-mail: brunemberg@gmail.com. Orcid ID: <https://orcid.org/0000-0002-6477-940X>.

museus com a construção ou manutenção das chamadas identidades coletivas, sejam nacionais ou locais, pois, quando sua função não é devidamente problematizada, os museus podem ser convertidos em instituições culturais detentoras de artefatos históricos e monumentalidades que referenciam, celebram e ritualizam o passado por meio de iniciativas de manipulação histórica e de propagação de diferenças e segregação de grupos minoritários, ofuscados por exaltações ufanistas e nostálgicas de “grandes feitos” e “grandes homens”, resultando numa espécie de celebração da memória do poder (CHAGAS, 2009).

Em Palmeira dos Índios, o Museu Xucurus de História, Artes e Costumes ocupa um lugar de destaque enquanto espaço de memória (NORA, 1997) representativo da história e da pretensa identidade regional palmeirense. Desse modo, apontamos para a importância da utilização dessa intuição e seus acervos como fonte de debate sobre a narrativa histórica local. Convidando os docentes a se apropriarem desse espaço como recurso para suas aulas de história local, de modo a percebê-lo não apenas como um atrativo com apelo visual, ou mesmo como lugar de curiosidade e “materialização” do que é ensinado em sala sobre o passado palmeirense, mas como uma produção sócio-histórica acessível e atrativa, um verdadeiro aliado no ensino de história.

Ao romper com visões simplistas e estereotipadas que insistem em enxergar os museus como antiquários, gabinetes de curiosidade ou, quando muito, lugares de contato com materiais velhos e exóticos, o professor poderá instigar seus alunos a perceber o Museu como uma construção carregada de sentidos e, dessa forma, a problematizar a relação entre os artefatos expostos e a “cultura material” da sociedade na qual está inserido. O ensino de história, com destaque para a história local, poderá contornar certos desafios presentes na prática pedagógica dessa disciplina, a exemplo da falta de interesse dos alunos diante de conteúdos “desconectados” de sua realidade social.

Conforme destacou Selva Guimarães, um passo importante nessa direção é realizar um ensino/estudo da história local fundamentado “em uma construção pedagógica que tenha como principal pressuposto do ensino a investigação, a pesquisa, a produção de saberes” (GUIMARÃES, 2011, p. 160). É justamente como suporte, fonte de informações e objeto de reflexão que a utilização dos museus na prática educativa se mostra fundamental.

Considerando que “ensinar história requer do professor a habilidade de buscar sentido e significado para o conhecimento que ministra” (GUIMARÃES, 2011, p. 161), o uso do Museu Xucurus como suporte no ensino da história de Palmeira dos Índios será crucial

para a realização dessa aproximação entre o estudante e as problemáticas históricas, considerando a realidade do/a estudante e os acontecimentos que fazem parte de sua história e sociedade.

Portanto, procuramos evidenciar a importância de uma maior proximidade entre os museus e a sociedade envolvente, através da sua utilização como recurso didático, de modo a realizar o que Ulpiano Meneses denomina de “integração do museu” (MENESES, 1994, p. 6). Acreditamos que para tal integração é imprescindível para que a educação incorpore, de forma crítica, os museus como aliados no processo educativo. A partir desse ponto, poderemos pensar em uma efetiva naturalização dos museus enquanto espaços de aprendizagem e educação histórica e social.

A história de Palmeira dos Índios: apontamentos e reflexões necessárias

Palmeira dos Índios é um município situado no Semiárido alagoano, cuja história de origem é marcada por conflitos territoriais entre os povos indígenas Xukuru e Kariri, primeiros habitantes na região, e não indígenas que colonizaram a região em fins do século XVIII, ocupando as melhores áreas a partir da expulsão dos índios das planícies férteis onde, posteriormente, foi fundado um aldeamento que deu origem à cidade. Como resultado desse povoamento colonizatório, os indígenas foram forçados a fugir para outras áreas, se estabelecendo principalmente nas serras ao entorno do vale que abrigou o núcleo urbano (PEIXOTO, 2019).

Na primeira metade do século XX, o município experimentou um considerável desenvolvimento urbano, se tornando um dos principais centros comerciais do estado, com a produção e comércio de algodão e de outros produtos relacionados à indústria têxtil, esse momento “áureo” de sua história lhe rendeu o título de “Princesa do Sertão”, alcunha forjada por memorialistas palmeirenses que buscavam escrever a história local, destacando as virtudes da cidade (SOARES, 2020). Atualmente, o município tem como atividades econômicas principais o comércio, a prestação de serviços, a agricultura familiar e a agropecuária, estando a maior parte de suas terras concentradas por latifundiários, membros de famílias ricas que se destacam na política e detêm boa parte do controle econômico local.

Em se tratando da história local, o século XX, notadamente as últimas décadas da primeira metade e meados da segunda, foi um momento de crescente interesse sobre a escrita

da história palmeirense. Nesse cenário, destacaram-se escritores locais que assumiram a função de memorialistas, escrevendo uma narrativa “historiográfica” para o município. As obras de memorialistas palmeirenses se ocuparam com as mais variadas temáticas relacionadas à história, cultura, política e curiosidades cotidianas, narrativas que visavam contar a história de surgimento do município, bem como destacar particularidades consideradas dignas de destaque.

Portanto, esses escritores procuraram destacar a presença indígena no passado local como um elemento singular da história do palmeirense. Destarte, procuraram ir além da simples explicação do nome do município, como uma associação ao Xukuru-Kariri e à abundância de palmeiras na região, buscaram preencher as lacunas existentes na história local, incorporando os indígenas como primeiros habitantes e símbolos do município, uma vez que acreditavam na inevitável incorporação/assimilação dos indígenas à sociedade não indígena.

Diante disso, percebemos que o estudo da história de Palmeira dos Índios carece de um entendimento sobre as obras memorialísticas escritas na segunda metade do século XX, as quais influenciaram as narrativas oficializadas sobre o passado local, bem como moldaram a construção do que podemos considerar, grosso modo, como identidade palmeirense (SOARES, 2020), isto é, um conjunto de imagens e discursos que alimentam uma narrativa que supostamente distingue o município e seus habitantes. Para tanto, é fundamental destacarmos a atuação do escritor Luiz de Barros Torres, mais destacado memorialista que escreveu sobre a história palmeirense e responsáveis pela criação de elementos centrais da “identidade palmeirense”, a exemplo da bandeira e do brasão, do hino oficial do município, de uma narrativa fundacional e de símbolos e lugares de memória como o Museu Xucurus de História, Artes e Costumes.

Dentre as produções de Luiz Torres, talvez a mais emblemática e contribuinte para o processo de construção de uma narrativa histórica com ares de pretensa identidade coletiva seja a “lenda de fundação da cidade”. Escrita por Luiz Torres, a narrativa consiste em um conto idílico e trágico no qual o assassinato de um casal indígena, como consequência de um amor proibido, comove e inspira um religioso a iniciar o trabalho catequético entre os Xukuru-Kariri e a fundar um aldeamento que daria origem à atual cidade.

Apesar do seu apelo fantástico e fabuloso, a produção se converteu em uma importante referência no município; passou a ser ensinada nas escolas da rede pública municipal, ainda estando presente no ensino fundamental como um material didático sobre a

história local, e influenciou na construção dos símbolos oficiais do município, tendo o mitológico casal indígena sido representado na bandeira palmeirense, além de figurar em estátuas expostas em locais públicos, bem como influenciou a nomeação de estabelecimentos comerciais e logradouros na cidade.

Ao analisar a descrição do fim trágico do apaixonado casal de índios da lenda de Torres, descrito como o momento primeiro da formação de Palmeira dos Índios, anunciando as glórias futuras, percebemos a proximidade entre a visão do autor e os discursos romantizados do indianismo brasileiro do século XIX. Após a criação do Aldeamento da Palmeira dos Índios, supostamente resultante do sacrifício do lendário casal indígena, e com a chegada de colonos, os Xukuru-Kariri passaram para um segundo plano na sociedade recém formada e após um período de esquecimento foram absorvidos pelas narrativas oficiais e se “transfiguraram” na terra natal, sendo lembrados apenas a partir dos escritos e representações criadas por Torres, resultando em uma idealização, como se “estivessem eternamente no momento dos primeiros contatos” (OLIVEIRA, 2016, p. 28).

A construção de tais narrativas não necessariamente exigia a participação dos indígenas no processo, mesmo porque no contexto os indígenas eram vistos como descendentes dos “verdadeiros” Xukuru-Kariri (SOARES, 2020). Dessa maneira, os indígenas foram vistos e representados como um elo com os antigos e “verdadeiros índios” habitantes na região, utilizados como elementos justificativos do nome do município e da criação de representações e referências à presença indígena na história local; um meio para a obtenção de narrativas folclóricas e materiais exóticos, como as igaçabas² e vários objetos que posteriormente foram organizados no Museu Xucurus de História, Artes e Costumes.

As referências aos indígenas nos escritos de Luiz Torres se dividiram em dois aspectos principais: de um lado, a história dos índios que foram vítimas do processo de colonização, cujos sobreviventes da violência se afastaram dos antigos costumes e estavam em via de aculturação; de outro, a descrição de um índio mitológico, um símbolo da formação local, representado em imagens e narrativas, em homenagem aos primeiros habitantes na região. Como resultados de escritos e projetos, o autor alcançou grande prestígio na sociedade palmeirense e alagoana, manteve relações de amizade com município. Não obstante, em momentos de disputas territoriais, a oligarquia local, se sentindo ameaçada diante de

² Urnas funerárias utilizadas pelos antepassados dos atuais indígenas habitantes locais. Muitas igaçabas foram desenterradas em diferentes áreas indígenas ao longo do século XX. Boa parte dos achados foi incorporada ao acervo do Museu Xucurus de Histórias, Artes e costumes (TEIXEIRA, 2012).

mobilizações do povo Xukuru-Kariri pela recuperação de seu território, se apropriou dessas representações e as utilizou como forma de negação dos direitos indígenas.

Para os grupos dominantes, com destaque para aqueles envolvidos em disputas territoriais, era vantajosa a criação de uma narrativa historiográfica que exaltasse as particularidades históricas do município, singularizando-o em relação à capital do estado e que fosse escrita uma história que não reconhecesse efetivamente a presença indígena na contemporaneidade, pois esta poderia trazer “problemas” futuros. Assim, ao utilizar representações de indígenas fantasiosos e romantizados, como os descritos na “lenda de fundação” e nos símbolos oficiais do município, em detrimento da ausência de uma discussão sobre os Xukuru-Kariri históricos, ou seja, daqueles que resistiram a um processo de expropriações territoriais e exclusão social.

As informações brevemente citadas até o momento devem servir como aporte fundamental para o professor de história quando trabalhar a história de Palmeira dos Índios, pois, ao fazê-lo, é preciso ter em mente o contexto de criação das narrativas memorialísticas citadas, provocando reflexões sobre suas possíveis intencionalidades e escolhas ao produzirem seus escritos. Julgamos essencial que o professor atue como mediador do processo de questionamento e problematização das narrativas locais, com destaque para a utilização dos indígenas como símbolos da história e identidade palmeirense.

O estudo da história e dos símbolos cívicos, por exemplo, deve ser acompanhado de um exame que vá além de destacar o ano de produção, o autor e os símbolos que a compõem e suas possíveis interpretações. Enquanto criações de Luiz Torres, tais produções precisam ser analisadas a partir de uma visão que considere os escritos desse autor, sua visão sobre os indígenas locais e pretensões com a escolha dos primeiros habitantes como personagens centrais em sua narrativa sobre a história local.

O Museu Xucurus de História, Artes e Costumes como recurso didático: possibilidades e desafios

Idealizado pelo escritor Luiz de Barros Torres, o Museu Xucurus de História, Artes e Costumes foi pensado como uma instituição para resguardar a história de Palmeira dos Índios, de modo a informar sobre os acontecimentos, grupos e personagens de destaque na história e sociedade palmeirense, além de despertar nas gerações futuras o interesse pela história local

(TORRES, 1957). Estudioso e admirador da história de Palmeira dos Índios, Torres conseguiu, em 1973, o apoio do Bispo Católico Romano Dom Fernando Barbosa Aguiar e do Tenente Alberto Oliveira, da Marinha do Brasil, para seu projeto de criar um museu histórico para o município (SOARES, 2020).

Assim, o projeto foi levado a cabo a partir da organização/exposição de artefatos pertencente ao próprio Torres, reunidos ao longo de anos, e de objetos diversos doados por cidadãos palmeirenses, principalmente de membros de famílias da elite econômica e política. A variedade de peças reunidas motivou a escolha do nome da instituição, adicionando ao nome da instituição “Museu Xucurus” as determinações “de História, Artes e Costumes” (TORRES, 1973).

O local escolhido para a exposição das peças foi a Igreja do Rosário, um pequeno prédio construído no final do século XIX por negros, escravos e libertos, devotos de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos (TORRES, 1977). Os artefatos foram organizados para a exposição, sendo classificados a partir dos seguintes critérios: objetos do catolicismo; artefatos relacionados aos costumes e à cultura da “sociedade palmeirense”; materiais curiosos de origens variadas e representações sobre indígenas e negros na região. A homenagem ao povo indígena foi seguida também nessa instituição, expressa na denominação de “Museu Xucurus”, seguindo a lógica narrativa da história local proposta por Torres, com destaque para a presença indígena e uso de imagens e denominações que referenciassem os Xukuru-Kariri.

Consideramos perceber a concepção do referido museu e seu acervo enquanto uma narrativa, uma produção sobre a história local, pensada a partir da visão e intencionalidades dos seus idealizadores, é o primeiro, e talvez o mais importante, passo para a utilização do Museu Xucurus como um recurso didático eficaz no estudo crítico da história local. Para tanto, é preciso partir da percepção de que os museus, tal como qualquer discurso, são construções narrativas sobre um passado que se pretende contar, dessa forma, devemos considerar que é resultante de um processo de escolhas, no qual determinados acontecimentos, personagens, elementos ou grupos são lembrados, em detrimento da negação ou silenciamento de outros. Conforme Chagas,

As instituições que tratam da preservação e difusão do patrimônio cultural, sejam elas arquivos, bibliotecas, museus, galerias de arte ou centros culturais, apresentam um determinado discurso sobre a realidade. Compreender esse discurso, composto de som e silêncio, de cheio e vazio, de presença e ausência, de lembrança e esquecimento, implica a operação não apenas com o enunciado da fala e suas

lacunas, mas também a compreensão daquilo que faz falar, de quem fala e do lugar de onde se fala (CHAGAS, 2009, p. 44).

É precisamente diante da constatação de que o Museu Xucurus consiste em uma construção narrativa de Torres, tal como seus livros memorialísticos, sua lenda de fundação e projetos diversos, a exemplo dos símbolos cívicos do município, que o professor deve utilizar a citada instituição como um recurso didático de auxílio no estudo/ensino da história de Palmeira dos Índios. Nesse sentido, considerando essa dinâmica de lembrança e esquecimento presente nas construções e estudos sobre o passado, sugerimos como proposta didática a realização de um estudo da história palmeirense, tendo como suporte o Museu Xucurus, a partir da realização de um exercício composto por três momentos.

O primeiro, fundamental no ensino de qualquer conteúdo histórico, é o momento da sala de aula, no qual o professor deverá introduzir o aluno no estudo da história local, levando em consideração o nível/série no qual os estudantes se encontram, explicando os eventos principais, contextualizando as personagens e eventos no tempo e no espaço. Nesse momento, será preciso discutir com os estudantes o momento de fundação do aldeamento e da posterior vila que deu origem ao município, resgatando conteúdos trabalhados em outros momentos, tais como a colonização dos chamados “Sertões”, a atuação de religiosos como agente de conversão forçada e de avanço do empreendimento colonial, bem como os impactos do avanço português sobre as populações nativas do Brasil.

As produções escritas de Torres podem ser utilizadas como material complementar, a exemplo da lenda de fundação, na qual os estudantes podem perceber aspectos importantes da literatura de Torres, como a mistura de personagens e lugares reais com fantasias, além da utilização do indígena como símbolo local, conforme pode ser observado no trecho abaixo.

No outro dia, frei Domingos encontrou uma palmeira frondosa ao lado dos dois amantes, cujos corpos marcados pelo castigo não poderiam repousar nas igaçabas funerárias [...]. O milagre produziu no frade um êxtase místico, durante o qual teve uma visão profética do que seriam o povo e a cidade nascidos do heroísmo do amor. Só poderiam gozar de grandeza tal povo e tal lugar batizados pelo gesto maior que homens podem praticar: a vida em troca do elo perfeito que une a humanidade – o amor. Diante deste gesto heroico de TILIXI E TXILIA, por esta paixão que os uniu até a morte, Palmeira dos Índios passou a ser conhecida pelo nome de “A CIDADE DO AMOR” (TORRES, 1973, p. 56, grifos do autor).

Diante da leitura da lenda fundacional, com destaque para o fragmento citado, será possível a realização de um estudo que questione as possíveis intenções do autor ao enaltecer

personagens indígenas lendários, inserindo a figura histórica do Frei Domingos de São José e criando, a partir dos atos narrados, a base para sua produção narrativa histórica e identitária do município, a partir da incorporação de personagens lendárias em sua vasta e reconhecida produção sobre a localidade.

Para tornar mais inteligível aos alunos tal constatação sobre as implicações da escrita do passado, as reflexões sobre a lenda podem ser realizadas em diálogo com outras produções que incorporem elementos dessa produção, a exemplo dos símbolos oficiais do município, nos quais são explícitas as referências à narrativa fundacional. Enquanto o brasão da bandeira estampa o casal protagonista da lenda, o hino cita diretamente os eventos narrados na lenda como momentos da origem do município e de seu povo.

Após o estudo em sala, ancorado em explicações, análise de textos e debates sobre a história local, com ênfase para a problematização das obras de Torres, responsável por muito dos elementos e versões que formam a narrativa histórica local, o segundo momento consistirá em um aprofundamento sobre os conhecimentos e curiosidades despertadas em sala, a partir de uma visita ao Museu Xucurus de Histórias, Artes e Costumes. A intensão será aproximar os alunos de artefatos que são vestígios dos acontecimentos e personagens sobre os quais eles estudaram, buscando despertar o interesse e a curiosidade, bem como desenvolver um exercício de reconhecimento e análise crítica da instituição e da história que esta conta.

Para tanto, é preciso que os estudantes sejam capazes, a partir do estudo e provocações instigadas no primeiro momento, de problematizar a instituição, colocando em suspeição sua construção, disposição do acervo, origem das peças e narrativa museal. Esse olhar crítico deverá ser instigado pelo professor, o qual deve orientar os alunos a se perguntarem, antes e durante a visita, sobre questões básicas, tais como: quem foi Luiz Torres e qual seu objetivo com a criação do Museu? Qual foi o critério de seleção para a preservação da memória nesse espaço? Quais personagens e eventos foram privilegiados, em detrimento do silenciamento de outros? Como os negros e indígenas estão representados no Museu? Quais grupos e elementos são privilegiados na exposição?

O professor(a) deve deixar claro para os estudantes que a construção narrativa sobre o passado é um campo de disputas entre os mais diversos atores, cujo monopólio possibilita não apenas o poder de contar a partir de determinada visão, mas ajuda na manutenção de situações de domínio, exclusão sócio-histórica, negação e silenciamento de sujeitos, de acontecimentos ou mesmo de grupos, pois, os escritos históricos dominantes ou as versões

oficiais tendem a ser tecidas em meio a disputas de memórias e de discursos (GAGNEBIN, 2006). Nesse sentido, é fundamental que os estudantes, ao visitar o Museu, tenham em mente que as lembranças sobre o passado, bem como os estudos de versões sobre eles, devem ser sempre críticas.

O posicionamento crítico sobre as exposições deve ser o objetivo central da visita ao Museu, pois é a partir dele que os alunos serão capazes de perceber que “o que está ali exposto não pode ser visto como mera ilustração ou confirmação do que já foi explicado pelo professor, mas sim como ponte para empreender investigações e inquietações” (CHICARELI; ROMERO, 2014, p. 88). Nesse sentido, para ir além da perigosa prática de uso do museu como mera ilustração do passado estudado em sala de aula, destacamos a importância de o professor instigar a realização de análises críticas e comparativas entre o estudado em sala de aula e o que está representado no Museu Xucurus, de modo que o estudante possa perceber que as exposições também são narrativas históricas construídas por Luiz Torres, e por grupos ligados à instituição, sobre o passado local.

Um exemplo de exercício de reflexão histórica seria a realização de uma análise comparativa entre a presença indígena nos símbolos oficiais da municipalidade, bandeira e hino, realizados por Torres, bem como da lenda que os inspirou, e os artefatos que compõem a coleção indígena expostas no Museu. A partir dessa proposta, os estudantes poderiam perceber as semelhanças e diferenças entre os indígenas mitológicos, descritos na narrativa lendária e nos símbolos oficiais e as peças expostas na instituição, de modo que ficasse perceptível a romantização dos indígenas descritos como ancestrais do povo palmeirense.

Igualmente, no espaço do Museu Xucurus, com a orientação do professor e dos monitores responsáveis por receber os visitantes, os estudantes podem identificar, de forma mais perceptível e visual, as nuances da seletividade e o jogo de interesses e disputas entre os grupos pelo domínio da narrativa sobre o passado. Tal visão pode ser percebida a partir da problematização da organização e disposição das peças expostas na instituição; o professor deve perceber, e orientar seus alunos a também fazê-lo, que a organização privilegia as exposições do catolicismo e dos artefatos relacionados às famílias ricas palmeirenses, com seus artefatos expostos na primeira sala, na entrada do prédio.

O estudo prévio da história desse museu, conforme apontado, será fundamental para tal exercício, pois, uma vez explicado em sala de aula que a instituição foi idealizada por membros da elite local, sendo um deles o Bispo do município, e organizada a partir de

doações feitas por integrantes dessa mesma elite, o aluno será capaz de perceber que a disposição das peças foi pensada de modo a privilegiar esses grupos. Da mesma forma, a exposição das peças referentes aos negros, na segunda sala, e aos indígenas na terceira sala, nos fundos do prédio, representam resquícios da narrativa linear e “evolucionista” de Luiz Torres, fruto de visões próprias, além de influências de seu meio social e contexto histórico no qual escreveu (PEIXOTO, 2019; SOARES, 2020).

A observação da disposição das coleções deve ser aliada a uma problematização dos objetos que as compõem e de como são expostos, tendo em vista as diferenças de tratamento dado à preservação exposição de diferentes artefatos; alguns dispostos no chão e sem qualquer identificação, enquanto outros são preservados em vitrines e devidamente identificados. Esses exemplos de possibilidade de análise do Museu e suas coleções devem partir, como destacado, de um olhar crítico sobre a construção do passado, uma percepção fundamentada no “reconhecimento de que aquilo que se anuncia nos museus não é a verdade, mas uma leitura possível, inteiramente permeada pelo jogo do poder” (CHAGAS, 2009, p. 66).

O terceiro momento da metodologia proposta consiste no retorno à sala de aula, isto é, do momento de socialização das experiências e vivências durante a visita ao Museu. Nessa etapa, o professor deve mediar os debates em sala, instigando a participação, suscitando questionamentos sobre as exposições ou narrativas da história local, bem como auxiliando na formulação das análises propostas pelos estudantes. O momento posterior à visita, no entanto, precisa ir além de uma conversa sobre o passeio, deve ser dedicado a retomar o que foi discutido durante a preparação para a visita, aliando o conhecimento partilhado inicialmente, bem como as problematizações a respeito do Museu e do caráter seletivo da memória e da narração histórica, com as constatações e dúvidas surgidas em campo.

É preciso que as reflexões se fundamentem na percepção de que os museus, enquanto uma narrativa do passado, devem ser questionados. Para tanto, sugerimos que o professor se ancore no debate proposto por Mário Chagas, para quem o estudo sobre os museus e suas coleções carece de um entendimento de que a memória, entendida como motor da lembrança e referências ao passado, “é construção e não está aprisionada nas coisas, ao contrário, situa-se na dimensão interrelacional entre os seres, e entre os seres e as coisas” (CHAGAS, 2009, p. 62).

Se os museus são importantes recursos didáticos para o ensino da história, com destaque para a história local, pois neles o “passado” é perceptível de forma mais atraente, por

seu caráter visual, a percepção da memória enquanto “construção” é uma chave de leitura fundamental para o estudo da história. Seguindo o raciocínio de Chagas, o docente poderá despertar seus alunos para a percepção do local, é justamente nesse processo “interrelacional” entre os seres, portadores das memórias, e as coisas, objetos que podem representar memórias, que se dá a musealização de determinados objetos, em detrimento do descarte ou negação de outros, considerados sem valor histórico.

Diante dessa constatação, os estudantes serão capazes de questionar a seleção dos elementos que compõem o acervo do Museu Xucurus, percebendo quais foram selecionados como objetos representativos da história palmeirense e quais percebem que ficaram de fora. Assim, o professor poderá propor como exercício a escrita de um texto no qual os educandos deverão refletir sobre os artefatos observados durante a visita, no qual se destaque o tipo, a origem, a utilidade, e quais fatores julga que contribuíram para sua incorporação ao acervo do Museu. Com esse exercício, ficará perceptível, de forma mais evidente, a noção de que os museus, enquanto lugares de memória, são espaços que

nascem e vivem do sentimento que não há memória espontânea, que é preciso criar arquivos, que é preciso manter aniversários, organizar celebração, pronunciar elogios fúnebres, notariar atas, porque essas operações não são naturais. É por isso a defesa, pelas minorias, de uma memória refugiada sobre focos privilegiados e enciumadamente guardados nada mais faz do que levar à incandescência a verdade de todos-os lugares de memória. Sem vigilância comemorativa, a história depressa os varreria (NORA, 1997, p. 13).

Os lugares de celebração da memória não são organizações espontâneas, mas espaços construídos a partir de intencionalidades que exprimem os interesses e visões de mundo de seus idealizadores. Apontamos para a importância de que os três momentos propostos para o uso do Museu Xucurus como recurso didático sejam permeados por essa visão crítica dos lugares de memória e das narrativas históricas. Para tanto, é fundamental que haja um movimento dialético de comunicação e complementariedade entre a preparação em sala de aula, com as primeiras reflexões sobre a história local e os museus enquanto lugares de memória e palco de disputas (CHAGAS, 2009), a visita ao Museu, exercício semelhante ao “trabalho de campo”, e o retorno à escola, momento de debate e sistematização da aprendizagem.

Em se tratando da história de Palmeira dos Índios e do Museu Xucurus, o alerta de Nora sobre a necessidade de “vigilância comemorativa” a respeito das minorias desses espaços moldados por “focos privilegiados” de rememoração aponta para uma análise

indispensável sobre a história e memória local, com destaque para a presença indígena nas narrativas históricas. Tal análise, conforme destacado anteriormente, deve partir de um estudo sobre Luiz Torres e suas produções, sejam escritas, como livros e artigos de jornais, imagéticas, fotografias desenhos como o brasão e bandeira palmeirense, ou mesmo o próprio Museu Xucurus.

Durante a visita ao Museu, os estudantes poderão observar a forma como os Xukuru-Kariri foram representados naquela instituição. O professor deverá despertar-lhes para o detalhe de que assim como o município, o Museu foi nomeado em uma referência aos indígenas, uma escolha feita por Torres e que segue sua lógica narrativa de utilização da presença indígena como marca da identidade e da história palmeirense. No entanto, nessa reflexão, é fundamental que se problematize os artefatos e representações a partir de uma reflexão que perceba as nuances das representações indígenas nas narrativas do autor.

O uso de suportes visuais, como fotografias, pode auxiliar sobremaneira na análise proposta; sejam imagens históricas produzidas por Torres, nos desenhos presentes na própria bandeira do município, e em fotografias produzidas durante a visita. A análise de fotografias do Museu poderá auxiliar nos debates posteriores à visita, servindo como suporte às anotações e observações feitas durante a visitação. Ainda, a comparação entre as imagens das peças do acervo indígena exposto no museu, com as produções imagéticas de Torres poderão instigar reflexões sobre as diferentes formas de representar a presença indígena, o que muitas vezes resulta em romantizações.

Acreditamos que o estudo do Museu Xucurus, enquanto lugar de salvaguarda de memórias diversas, devem não só visitar a instituição e observar passivamente a exposição das coleções que abriga, mas problematiza-las enquanto escolhas narrativas, construções históricas organizadas a partir de intencionalidades diversas, de modo a contribuir para que os artefatos, bem como a própria concepção de seu espaço como “lugares de memória” (NORA, 1997), sejam analisados à luz das questões sociais, culturais e históricas surgidas na sociedade envolvente.

Nesse sentido, destacamos que o estudo de história local, com destaque para o uso dos museus como recurso didático é de grande contribuição para o ensino de história, o qual deve ser fundamentado em metodologias e práticas educativas que levem em consideração os conhecimentos prévios dos estudantes, suas visões de mundo, lugar social e relação com os grupos socioculturais dos quais fazem parte. Desse modo, cabe considerar as “bagagens” e

visões críticas dos alunos, fortemente moldadas por suas vivências e visão de mundo, percebendo-as como importantes fundamentos de suas análises, que devem ser aliadas aos conhecimentos históricos do currículo escolar. Nesse sentido, deve se considerar que

O conhecimento a ser levado para a sala de aula deve passar pelo conhecimento acadêmico, mas precisa estar aliado aos interesses dos alunos e às problemáticas do presente, para auxiliar na compreensão do nosso tempo, assumindo uma das funções da história. Podemos pensar no cotidiano e na relação dos próprios estudantes com a sua cidade ao levantar questões de interesse deles sobre a cidade, assim como sobre o bairro em que moram, o trajeto que fazem para chegar à escola, enfim, utilizando conhecimentos dos alunos em conjunto com a história acadêmica, a teoria, para a fundamentação do trabalho (CHICARELI; ROMERO, 2014, p. 91).

É precisamente nesse sentido de dar “significado” ao estudo da história, a partir da inserção do cotidiano dos estudantes, seu lugar de vivência e experiências, que o uso dos museus pode ser um grande aliado na prática socioeducativa. Portanto, o Museu Xucurus, enquanto espaço múltiplo de representação, formado por artefatos relacionados a diversos grupos sociais, se configura com um palco privilegiado para o debate, aprendizado e ensino da história de Palmeira dos Índios em suas múltiplas fases de representação e exclusão.

Considerações finais

A partir das reflexões propostas ao logo do texto podemos apontar para a necessidade da existência de projetos e políticas educacionais que insiram os museus no cotidiano escolar, de modo a aliar as ações educativas, de realização de eventos e de pesquisas, desenvolvidas pelos museus, com ações que busquem aproximar a sociedade/comunidade desses importantes espaços. Não obstante, ao propor uma visita ao Museu, é importante que o professor o utilize como um aliado em uma prática de ensino de história como construção moldada por disputas, de modo que as coleções nele expostas possam servir como fontes para o questionamento do caráter seletivo da memória e da história.

Esse estudo crítico poderá ser gestado “através da recuperação da memória de pessoas comuns e de grupos específicos não contemplados até então pela historiografia tradicional” (BARBOSA, 2006, p. 82). No caso palmeirense, o estudo da presença indígena na história local poderá ter as representações presentes no Museu Xucurus de História, Artes e Costumes como aporte indispensável para o despertar de um olhar crítico sobre essas narrativas.

Desse modo, ao pensarmos o Museu Xucurus como uma instituição testemunhal moldada a partir da chave interpretativa de Luiz Torres, percebemos nesse “cenário convocado” a influência dos escritos e visões do escritor sobre a história palmeirense, com destaque para a presença indígena no passado local, enquanto uma raça formadora. Como consequência, essa instituição se transformou em um instrumento para o fortalecimento de estereótipos e representações desconectadas da realidade, o configurando como um lugar onde a memória e o poder se entrelaçaram e se “materializaram” nos artefatos expostos.

Em estudos sobre a história de Palmeira dos Índios e em visitas à citada instituição, os discentes poderão, assim, não apenas discutir sobre a formação histórica palmeirense, com seus símbolos, disputas de memórias e patrimonialização seletiva, mas também, se perceberem como partícipes dos processos históricos, reconhecendo referências a suas comunidades, grupos sociais e familiares no panorama histórico estudado.

Assim, apontamos como possibilidade metodológica o incentivo à realização de visitas ao Museu Xucurus como complemento e atividade interativa no estudo da história local. Destacamos a importância da preparação anterior à “ida a campo”, pautada por discussões e estudos possibilitados por questionamentos apontados ao longo do texto. Assim, o momento de visita será fundamentado na observação/análise das peças, identificação dos artefatos e das sutilezas relacionadas ao estudado em sala, questionamentos ao professor e aos monitores do Museu. A partir desse exercício, o momento posterior à visita, de socialização da experiência e da produção de conteúdo escrito, orientado pelo professor, possibilitará um momento rico percepção das nuances, intencionalidades e disputas pela memória e rememoração, que moldam a escrita sobre o passado.

Referências

BARBOSA, Vilma de Lourdes. Ensino de história local: redescobrimos sentidos. **Saeculum revista de história**. [15]; João Pessoa, jul./dez. 2006, p. 57-85.

CHAGAS, Mário. Memória e poder: dois movimentos. **Cadernos de Sociomuseologia**, v. 19, n. 19, jun. 2009. p. 43-81.

CHICARELI, Larissa Salgado; ROMEIRO, Kauana Candido. Museu e ensino de História: pensar o museu como local de conhecimento e aprendizagem. *In: Revista Confluências Culturais*, v. 3, n. 2, set. 2014. p. 86-93.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. **Lembrar, escrever, esquecer**. São Paulo: Editora 34, 2006.

SOARES, Brunemberg da Silva; PEIXOTO, José Adelson Lopes. O Museu Xucurus de História, Artes e Costumes como recurso didático para o Ensino da História de Palmeira dos Índios/AL. **Revista de estudos indígenas de Alagoas – Campiô**, Palmeira dos Índios, v. 1, n.1, p. 62-77, 2022.

GUIMARÃES, Selva. O estudo da história local e a construção de identidades *In: Didática e prática de Ensino de História*. 12. ed. Campinas: Papyrus Editora, 2011

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Lamparina, 2015.

MENEZES, Ulpiano T. Bezerra de. Do teatro da memória ao laboratório da História: a exposição museológica e o conhecimento histórico. **Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material**, v. 2, n. 1, jan./dez. 1994. p. 9-42.

MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. A exposição museológica e o conhecimento histórico. *In: MUSEUS: dos gabinetes de curiosidades à museologia moderna*. FIGUEIREDO, Betânia Gonçalves; VIDAL, Diana Gonçalves (orgs.). Belo Horizonte: Fino Traço, 2013.

NORA, Pierre. **O lugar da memória**. Tradução: Janice Gonçalves. Paris: Gallimard, 1997.

OLIVEIRA, João Pacheco de. **O nascimento do Brasil e outros ensaios: “pacificação”, regime tutelar e formação de alteridades**. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2016.

PEIXOTO, José Adelson Lopes. **Memórias e imagens em confronto: os Xukuru-Kariri nos acervos de Luiz Torres e Lenoir Tibiriçá**. Maceió: Editora Olyver, 2019.

SOARES, Brunemberg da Silva. **Apropriações e usos de imagens sobre os índios Xukuru-Kariri em Palmeira dos Índios/AL (1968-2010)**. Maceió: Editora Olyver, 2020.

TEIXEIRA, Luana. **Para além da “pedra e caco”**: o patrimônio arqueológico e as igaçabas de Palmeira dos Índios, Alagoas. 2012. Dissertação (Mestrado Profissional em Preservação do Patrimônio Cultural) – IPHAN, Rio de Janeiro, 2012.

TORRES, Luiz de Barros. **A terra de Tilixi e Txiliá**: Palmeira dos Índios séculos XVIII e XIX. Maceió: IGASA, 1973.

TORRES, Luiz de Barros. Museu Histórico. **Correio do Sertão**. Bahia, p. 2, 15 de out. 1957

TORRES, Luiz de Barros. Museu Xucurus: página eloquente de nossa história. **Jornal de Alagoas**. Alagoas, p. 9, 10 set. 1977.

TORRES, Luiz Byron. **Cronologia do escritor Luiz B. Torres**. Palmeira dos Índios, 1999. Não publicado.